

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA

GIOVANNA DUTRA DA SILVEIRA

O BEM-ESTAR SOB O OLHAR DOS SUJEITOS DA ESCOLA

Porto Alegre

2ºSemestre

2017

GIOVANNA DUTRA DA SILVEIRA

O BEM-ESTAR SOB O OLHAR DOS SUJEITOS DA ESCOLA

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de Graduação
do Curso de Pedagogia- Licenciatura da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial e obrigatório para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.**

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Noal Gai

**Porto Alegre
2017**

AGRADECIMENTOS

Ao finalmente chegar aqui, um sentimento de alívio me apossa. Um sentimento de descansar as pernas depois de um dia corrido, sentimento de dividir o peso com um braço amigo. Uma sensação como todas as vezes que minha mãe, Izaura, interviu nos meus afazeres para diminuir a carga das minhas costas para que eu pudesse chegar aqui. Como todas as vezes que meu pai, Zeca, ergueu degraus para que eu subisse mais alto para respirar e enxergar longe. E como todas as vezes que Daniel me disse que eu conseguiria, que daria certo. E deu. Obrigada a vocês por dividirem comigo todas as aflições, pesos, nervosismos. Agora divido com vocês o sentimento de orgulho e dever cumprido. Assim como divido com vocês a felicidade que sinto por tê-los comigo.

Obrigada a Cris e a escola Jesus de Nazaré pelas diversas vezes que abriram as portas para que eu, ainda inexperiente, pudesse praticar e deixar um pouquinho de mim naquele espaço.

Obrigada a minha orientadora que acreditou nesta pesquisa e no poder da natureza. Sua luz e boas vibrações tornaram esses meses de pesquisa num tempo e espaço agradáveis e, apesar da agitação que naturalmente mora em mim, tuas palavras me trouxeram calma para seguir o caminho.

Essa pesquisa destina-se não somente às professoras e professores, mas a todos que acreditam nos benefícios do convívio com a natureza.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, realizado para a graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, busca entender os espaços da escola que são promotores de bem-estar a partir do olhar dos sujeitos que a ocupam diariamente. As análises são feitas a partir de fotografias coletadas pelos participantes de três escolas das cidades de Cachoeirinha, Porto Alegre e Viamão, após serem questionados “qual lugar que mais lhe faz bem dentro da escola?”. A intenção principal deste trabalho foi descobrir se os espaços verdes (árvores, plantas) são procurados pelos sujeitos como promotores de bem-estar, para, deste modo, influenciar a escola na adaptação desses ambientes. Com o caminhar da pesquisa, foram descobertos novos fatores que influenciam os sujeitos na escolha por seus espaços, sendo analisados de acordo com semelhanças nas falas, fotografias e contextos em que foram fotografadas. Para dar sustentação teórica a pesquisa, foram utilizados autores das áreas ambiental, psicológica, arquitetura e análise e utilização fotográfica, assim como embasamento na pesquisa cartográfica. A cartografia é uma metodologia de pesquisa que não segue um único caminho durante o processo de pesquisa. Conforme foram coletados (e presenciados, modificados, observados, contatados) materiais para esse trabalho, novos caminhos se abriram, se cruzaram, permitindo novas reflexões e conclusões, não se atendo exclusivamente a uma única pergunta que norteia uma pesquisa.

Palavras-chave: Fotografia; Bem-estar; Espaço; Natureza;

LISTA DE FIGURAS

Foto 1: Eu me sinto bem em todo lugar

Foto 2: É nossa segunda casa

Foto 3: Minha sala

Foto 4: Nós que fizemos

Foto 5: A praça – pneu

Foto 6: A praça – brinquedo

Foto 7: Cantinho do descanso

Foto 8: Banco-balanço na sombra das árvores

Foto 9: Sala de vídeo

Foto 10: Jambolão

Foto 11: Eu já sei!

Foto 12: Eu também quero aqui!

Foto 13: Silêncio

Foto 14: O Bosque

Foto 15: O laguinho

Foto 16: Sem nome

Foto 17: Aqui

Foto 18: Recanto do Fogo

Foto 19: A árvore

Foto 20: O pátio

Foto 21: É da árvore!

Sumário

SEMEANDO PERGUNTAS.....	8
1 UM POMAR DE REFERENCIAS	9
2 CULTIVO DA TERRA - Metodologia	12
3 COLHENDO OS FRUTOS.....	16
3.1 Pertencimento.....	18
3.2 Liberdade	21
3.3 Descanso	23
3.4 Os Espaços Verdes	27
3.4.1 As fotografias da Escola Araucária.....	27
3.4.2 Os Espaços Verdes sob as lentes das três escolas.....	31
4 UMA NOVA SAFRA – CONSIDERAÇÕES	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE.....	42

SEMEANDO PERGUNTAS

A escolha do tema de pesquisa surgiu logo no início do curso de Pedagogia em meados do ano de 2014, quando, há pouco tempo, havia trabalhado em uma escola de educação infantil privada que tinha seu ambiente físico marcado pela falta de elementos naturais: árvores, plantas, terra, os quais aqui chamaremos de Espaços Verdes. Nem mesmo a praça/pátio contava com espaços verdes, o que me chamava atenção, pois, ao pensar em “hora do pátio”, na minha concepção, seria o momento para relaxar ao ar livre, ou brincar longe dos edifícios e paredes nas quais nós, estagiárias, professoras e crianças, já ficávamos durante o dia inteiro.

Neste sentido, optei por pesquisar se as crianças e adultos que permanecem diariamente no ambiente escolar também sentem a necessidade de ter contato com o meio natural. Se procuram por espaços com a presença de árvores, plantas, terra, sombra natural para que, de alguma forma, tenham uma melhor qualidade de vida na escola.

Considerando que a escola é responsável primordial no ensino das crianças pequenas, aponto a importância de se abordar a Educação Ambiental nas escolas de Educação Infantil, visto que é na infância que iniciamos a construção de nossos princípios e entendimentos de mundo.

Sabe-se que a educação de crianças acontece de forma prática, lúdica e a partir do sentimento de pertencimento. É neste sentido que busco aporte teórico e análise de dados coletados para afirmar a necessidade de termos espaços verdes nas escolas, com a união destes dois princípios: a necessidade humana de estar em contato com a natureza e a imprescindibilidade da presença dos espaços verdes na escola caso queiramos abordar temas como a preservação do meio ambiente, o pertencimento ao meio natural e demais temas pertencentes a Educação Ambiental.

Para nortear o andamento desta pesquisa visei responder as seguintes questões: 1) a presença da natureza (espaços verdes) influencia no bem-estar dos sujeitos da escola? - Para responder essa questão foram utilizados meios bibliográficos, o que abriu espaço para a próxima questão: 2) os sujeitos da escola procuram os espaços verdes para momentos de lazer? E por fim 3) os sujeitos da escola consideram os espaços verdes como promotores de bem-estar? Objetivando-se investigar a influência de espaços verdes na construção do bem-estar e, analisar se os espaços verdes estão nas preferências de ambientes dos sujeitos da escola para, assim, trazer dados que auxiliem a escola a adaptar-se as necessidades socioambientais daquele grupo de sujeitos.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas de educação infantil: uma delas situada na cidade em que resido, Cachoeirinha e outra em Porto Alegre, ambas no estado do Rio Grande do Sul. As análises para obtenção dos resultados desta pesquisa, foram obtidos através de análises cartográficas de fotografias tiradas pelo grupo pertencente às escolas, que foi possível após momentos de conversa para provocação da temática.

O primeiro capítulo deste trabalho é intitulado Germinando a semente, o qual introduz o tema, trazendo as principais informações referentes ao trabalho de forma sintetizada. No segundo capítulo deste trabalho de título Um pomar de referencias, será exposto o problema de pesquisa e a justificativa da importância de ser abordado. Também neste capítulo serão apresentados os referenciais teóricos que subsidiam o tema.

Uma abordagem da metodologia de trabalho utilizada será trazida no terceiro capítulo chamado de Cultivo da Terra e, a análise dos dados obtidos nas escolas, com crianças e adultos, será trazida no quarto capítulo, intitulado “Colhendo os frutos”. Por fim, no quinto e último capítulo deste trabalho, Uma nova safra, trago as considerações finais obtidas após a realização da pesquisa.

1 UM POMAR DE REFERENCIAS

Quem já trabalhou na educação infantil sabe o quanto os elementos da natureza ganham vida nas mãos das crianças. Bolos de barro, galhos que viram espadas, folhas que são notas de dinheiro. E a procura pela natureza não é característica unicamente das crianças das escolas: quem nunca procurou a sombra de uma árvore para passar o intervalo, ler um livro, ou apenas relaxar?

Entretanto, é cada vez mais comum escolas em que a presença da natureza é negada. Juntamente aos pais a escola de educação infantil assume uma posição “superprotetora”, “super-higiênica”, aonde a presença da natureza supostamente trás riscos a saúde e proteção das crianças.

O chão que outrora fora de terra passa a ser coberto com azulejos, a grama trocada por grama sintética. A cultura do “não” invade o pátio escolar e atrapalha a brincadeira e o contato dos sujeitos da escola com o seu ambiente ancestralmente natural: não pode sujar a roupa com barro, não pode escalar as árvores, não podem ter insetos (das árvores, plantas).

Por outro lado, falo agora segundo a minha experiência em escolas de educação infantil, as escolas que permitem esse contato direto com elementos da natureza me

parecem ter crianças e funcionários mais tranquilos, mais adaptados e confortáveis com o espaço.

Elali, nos mostra que as crianças procuram instintivamente brincadeiras próximas a ambientes com elementos naturais. Em sua pesquisa, realizada em escolas da cidade de Porto Alegre, constatou que os espaços de preferencia das crianças são as áreas ao ar livre, além disso,

Demonstrando claramente a necessidade de (e avidez por) contato com a natureza, nos estabelecimentos em que não existiam árvores e jardins, as crianças identificaram a ausência destes como grandes deficiências. Isso é reforçado nas suas sugestões para modificações no ambiente escolar, entre as quais encontram-se plantar e deixar crescer árvores, ter animais na escola, fazer jardim ou quadra esportiva gramados, e construir piscina. (ELALI, 2003, p. 315).

Além das preferencias das crianças que já foram comprovadas, não se deve esquecer que a escola é utilizada por outros sujeitos que a ocupam por tanto tempo quanto os alunos. Os adultos não utilizam os espaços a fim de desenvolver-se da mesma forma que as crianças, entretanto, passam grande parte do dia naquele ambiente, o que influencia na sua qualidade de vida.

O bem-estar, no trabalho para os funcionários, ou, na escola para as crianças, está sujeito a uma série de fatores que juntos contribuem para uma harmonia de humor. O conceito de “bem-estar” está sendo abordado aqui na amplitude de seu significado, abrangendo as sensações que o sujeito pode sentir ao sentir-se bem: confortabilidade, presença, pertencimento, ambiência, felicidade, tranquilidade, etc.

No conceito de Ambiência, o meio (espaço) tem influencia direta na promoção de qualidade de vida dos sujeitos. O termo não condiz apenas ao espaço em si, e, sim, em todo contexto que ele engloba, impactando no comportamento dos indivíduos que o utilizam.

Um espaço adaptado ao conceito de Ambiência é propositalmente preparado para que os usuários o utilizem e sintam-se confortáveis e parte daquele meio, na verdade, primeiro descobre-se as necessidades e preferencias daquele grupo de pessoas para, a partir disso, modificar e adaptar o ambiente.

Cardoso, Fredrizzi e Tomazini (2002, p.2) mostram em sua pesquisa que “O contato com elementos naturais é muito importante para o ser humano. Mesmo os mais insignificantes sinais da natureza em áreas urbanas acabam afetando seus usuários.”. A pesquisa realizada pelos autores analisa a presença de vegetação em pátios escolares da cidade de Porto Alegre, visto que, as crianças por si, buscam por estes ambientes para brincadeiras, socialização e realização de atividades com mais conforto.

Considerando o aumento crescente da jornada de trabalho pelos pais, as crianças permanecem na escola durante grande parte do dia, 6, 8 e até 12 horas nos casos das escolas privadas de educação infantil. Desta forma, a escola acaba tornando-se responsável por, praticamente, todas as experiências pelas quais as crianças passarão durante os dias úteis da semana. Ou seja, momentos ao ar livre, brincadeiras no pátio e o contato com a natureza devem ser sim, preocupações da escola.

Além dos benefícios ligados a qualidade de vida e bem-estar físico e mental, a presença dos elementos naturais na escola permite que as crianças coloquem em prática o que aprendem na educação ambiental, tornando o conhecimento referente a sustentabilidade, preservação, mais reais. É importante também para que as crianças consigam enxergar-se PARTE da natureza, do meio ambiente, e não um ser superior.

Devemos lembrar que ao referir a “natureza” na escola, não se está negando ou afastando a natureza do ser humano, tampouco o colocando em outro patamar neste meio. O egocentrismo do homem está marcado em sua relação com o meio ambiente ao afirmar que os recursos naturais são ao seu dispor, e não um ecossistema natural e equilibrado. A extração descontrolada de recursos, o desmatamento, o crescimento das cidades e zonas industriais são apenas alguns exemplos da imprudência humana para com o meio ao qual faz parte.

A relação de poder do homem sob a natureza está entranhada na sociedade. Crescemos, vivemos, pensamos, em sua maioria, da mesma forma. Ao abordarmos o tema com crianças pequenas, pode-se cometer o equívoco de afirmar essa ideologia de superioridade, reproduzir falar e concepções que intensificam esse distanciamento entre homem e seu meio natural.

A desconstrução dessa forma de ver, ou de VER-SE, não acontecerá se por meio unicamente de aulas expositivas e conversas, ou seja, não obteremos o melhor resultado se falarmos do distanciamento e egocentrismo do homem enquanto estivermos entre quatro paredes, longe dos insetos, sob a sombra de um teto e não de uma árvore.

Neste sentido da educação ambiental, seria importante que antes mesmo de apresentarmos os problemas do nosso meio, conseguíssemos enxergar toda a natureza como um único ecossistema, isso inclui a todos os seres vivos e ambientes do meio. Assim, com um olhar conscientizado, o ser humano perceberia que a degradação do meio ambiente afeta a todos que nele vivem.

Desta forma, “Um pátio escolar com vegetação e ambientes naturais pode lembrar as pessoas que elas são parte de um ecossistema muito delicado. “ (CARDOSO, FREDRIZZI e TOMAZINI, 2002, p. 3), por isso a importância de se utilizar e preservar

espaços verdes dentro da escola. Neste mesmo sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN-EI) traz como um de seus objetivos “observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;” (RCN-EI, 1998).

Também é cabível mencionar que mesmo que a escola se dedique aos elementos naturais, já é de praxe que não tenha a cultura de apreciar momentos ao ar livre com as crianças. Tiriba (2004) fala em sua tese sobre o aprisionamento das crianças e o consequente distanciamento dos alunos da natureza. Neste sentido, ao impor horários específicos para comer, para usar o banheiro, dormir, está se negando também a natureza do ser humano, ou seja, ignorando a fragilidade de suas necessidades naturais, que não cabem em horários marcados.

Desta forma, proponho analisar as preferencias dos sujeitos que ocupam a escola por 4 horas ou mais, sejam crianças ou adultos, a fim de reconhecer suas preferencias e necessidades. Pesquisar não implica apenas em trazer respostas à pergunta que nos norteia, as respostas não são o fim da pesquisa, e sim, o início de uma nova rua no caminho

[...] o pesquisador também será um multiplicador, um disseminador de novas dobras ao que supostamente pesquisa. Ao invés de somente explicar, de desdobrar a dobra, seu olhar e escrita multi/implicam o mundo. (COSTA, 2014, p. 71 – 72).

Os resultados dessa pesquisa nos ajudam a pensar a escola como um ambiente agradável a adaptável aos sujeitos que a ocupam. Pretende-se ouvir e ver através de seus registros quais suas preferencias. Dar voz, observar, absorver, para que a escola seja um local coerente com seu ensino e confortável a seus usuários.

2 CULTIVO DA TERRA - Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador tem contato direto com o ambiente do qual quer-se pesquisar, obtendo todos os dados a partir de trabalho de campo.

Porém, a **intenção** metodológica deste trabalho é a pesquisa cartográfica. O problema, é, que, após quatro “pesados” anos de trabalhos acadêmicos, resumos e resenhas, regras ABNT e citações diretas e indiretas, finalmente a faculdade conseguiu moldar-me ao estilo Texto Acadêmico. Não desmereço, é claro, a escrita acadêmica e todas as suas regras, porém, aponto para uma questão, que li em um cartaz do Prédio de

Letras no Campus do Vale em 2015: “para quem é sua pesquisa? “ E complemento com: quem pode ler essa pesquisa?

Minha intenção é que as mais variadas pessoas possam ler, opinar, concordar ou discordar das reflexões que trago aqui. Acredito fielmente no poder da natureza e busco expor, de modo simples, os materiais obtidos nessa jornada. Espero que mais pessoas possam encontrar perguntas e respostas a partir das fotografias que serão expostas aqui.

Nunca pensei que o desafio para mim seria me “desprender” exatamente dos modos de escrita que critiquei durante todo meu percurso acadêmico. Agora que me vejo permitida a uma escrita livre e particular, encontrei dificuldades para me libertar e entregar-me a cartografia no seu modo de ser.

A cartografia é o caminho da pesquisa que não objetiva chegar ao fim, e, sim, questionar o processo (COSTA, 2014). Sem regras ou caminhos lineares, pode-se dizer que a cartografia abre espaço para que se enxergue mais livremente. Para além das preocupações em “interferir” no meio, em “atrapalhar” a coleta de dados puros, cristalinos, sem a ação do pesquisador. O pesquisador está ali e não há como camuflar sua participação, sua presença faz parte do que será analisado depois, por isso, a cartografia é uma pesquisa-intervenção, ou seja,

A cartografia se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa. A cartografia exige do pesquisador posturas singulares. Não coleta dados; ele os produz. Não julga; ele coloca em questão as forças que pedem julgamento. “ (COSTA, 2014, p. 71).

Portanto, tentarei a medida do possível me desafiar a romper com os padrões de escrita acadêmica a fim de escrever no modo que acredito ser o mais adequado quando se pretende escrever para *todas as pessoas*. Todos os modos de ver e entender.

Este trabalho tem pretensão de dar atenção ao que sentem os sujeitos da escola. Olhar através de seus olhos, ou mais especificamente, através de sua lente. Assim como cita LUDKE e ANDRÉ (1986),

O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. “ (LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, 1986, p. 12).

Neste mesmo sentido, a pesquisa-intervenção possibilitada pela cartografia, permite a participação ativa dos sujeitos pertencentes a pesquisa, não só dando voz para ser ouvida, mas dando um espaço a ser ocupado por esses indivíduos:

Garantir a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa cartográfica significa fazer valer o protagonismo do objeto e a sua inclusão ativa no processo de produção de conhecimento, o que por si só intervém na realidade, já que desestabiliza os modos de organização do conhecimento e das instituições marcados pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais. (KASTRUP; BARROS, 1984, p. 270)

Para realização da pesquisa, foram visitadas três escolas de Educação Infantil, que serão chamadas aqui por nomes fictícios. A escolha das escolas se deu da seguinte forma: escola Jambolão, situada em Cachoeirinha, foi escolhida por motivo de proximidade pessoal e a acessibilidade que promovem a estudantes de licenciatura, a qual eu também já havia frequentado para realizar práticas pedagógicas. As escolas Figueira de Porto Alegre e, Araucária de Viamão, foram escolhidas devido a suas propostas pedagógicas não-tradicionais, que seguem, respectivamente, por uma linha da Educação Ambiental e uma proposta de pedagogia Budista. Em nenhum momento nesta pesquisa objetiva-se comparar os resultados entre uma escola e outra. A intenção é analisar individualmente diferentes sujeitos de diferentes lugares e realidades.

Como a pesquisa abrange todo o grupo de pessoas da escola, os encontros aconteceram de forma separada entre crianças e adultos. Os encontros iniciaram em um grupo de conversa com a finalidade de disparar o tema do bem-estar. Com a intenção de preservar a identidade dos participantes, os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, utilizando-se o codinome de flores.

Para realização das atividades nas escolas, foi seguido um breve roteiro¹. No primeiro encontro foram propostos dois momentos diferentes com ambos grupos (adultos e crianças), essa separação se deu pela necessidade de uma apresentação diferenciada para cada faixa etária dos grupos. Primeiramente, dentro da sala foi perguntado “o que se estava sentindo”, “que tipo de sentimento sentiam naquele ambiente”. Depois fora da sala, próximo as árvores foram feitas as mesmas perguntas. E logo após, os adultos foram convidados a fotografarem espaços da escola que mais sentiam-se bem.

A fim de provocar a temática, as crianças foram questionadas com perguntas como “o que é sentir-se bem?” e a partir disso: “quando vocês sentem-se bem?”. Após este entendimento as crianças foram convidadas, assim como os adultos, a fotografarem o “lugar da escola que mais sentiam-se bem”.

¹Ver Roteiro de visita a escola em Apêndices.

A conversa/atividade com os adultos se deu exatamente da mesma forma, porém a participação dos adultos, em números, foi menor, visto que não foi possível reunir um grande grupo de funcionários da escola enquanto estavam em horário de trabalho.

A utilização da fotografia como instrumento de pesquisa permite uma objetivação do mundo visível (GURAN, 2014). Ela complementa o diário de campo com “relatos” do que se está pesquisando, além de dar ao leitor um recurso a mais para acompanhar a análise. Lembrando que

A cartografia busca, em diferentes regiões, as especificidades para compor um olhar, ou seja, não visa construir um mapa que sirva de guia para todos os olhares - até porque cada olhar é único e muda com as vivências do observador mas, nesse caso busca perceber as dinâmicas, os fluxos e as itensidades que se mostram nos objetos. (AGUIAR, 2010, p. 13)

Desta forma, a fotografia será utilizada como recurso a dar voz aos sujeitos enquanto ao mesmo tempo permite ao pesquisador e ao leitor refletir a partir de seu próprio olhar sobre o objeto. Sendo, a fotografia, foi utilizada tanto como instrumento de pesquisa, na qual possibilita a investigação, como objeto de pesquisa, o qual é analisado (GURAN, 2000), segundo o autor

As fotografias, portanto, podem ser utilizadas como um instrumento de pesquisa ou se confundirem com o próprio objeto de pesquisa. As imagens de natureza emique estão necessariamente nesta última categoria, o que não impede que sejam também utilizadas como instrumento de pesquisa, isto é, como um meio que o pesquisador emprega para induzir o pesquisado a buscar ele mesmo a informação que fará avançar a reflexão científica. Aliás, nada impede que uma mesma imagem, seja ela emique ou etique, cumpra diversos papéis durante a pesquisa e na demonstração das conclusões. (p. 2, 2000)

Porém a fotografia não é exata, o pesquisador e leitor que darão sentido a imagem e significarão de acordo com o que se está propondo. A fotografia nos permite coletar respostas, mas também nos traz mais perguntas a cerca da imagem que observamos, desta forma é importante saber que na fotografia

[...] há um foco central, uma razão de ser que motivou aquela tomada fotográfica. Há que se considerar, contudo, que este motivo central está cercado de informações que a ele se entrelaçam de diversas maneiras. Pode ser importante saber, por exemplo, que prédio é aquele ao fundo de uma fotografia de corpo inteiro de determinada personalidade. E algumas vezes é também importante considerar o extra-campo: o que girava em torno deste recorte espaço-temporal que se transformou em fotografia? (MANINI, 2002).

Não somente coletar materiais para a pesquisa, mas o fato de permitir que crianças pequenas, e todos sujeitos que ocupam a escola, tenham voz para nos mostrar, apontar,

o que gostam nos mostra que a fotografia pode ser um instrumento (de arte) valioso de experiência e aprendizagem.

Essa pesquisa é guiada pelas fotos capturadas pelos sujeitos e as análises serão obtidas a partir dos espaços que aparecem ao decorrer das propostas. É esse “recorte” de espaço que a fotografia nos permite, que possibilitou a reflexão desta pesquisa. Como cita Guran (2000, p. 156-157) “Uma das potencialidades da fotografia é destacar um aspecto particular da realidade que se encontra diluído num vasto campo de visão, explicitando assim a singularidade e a transcendência de uma cena.”.

3 COLHENDO OS FRUTOS

Ao iniciar a pesquisa em busca do bem-estar, os participantes, fotografias, contextos das visitas, abriram novos caminhos a serem olhados com atenção. Essas ramificações que surgem a partir do coração da pesquisa, foram criadas conforme características similares que pude observar nas fotografias juntamente com as falas de seus fotógrafos.

Desta forma, trarei cada um desses caminhos unidos às suas características, são eles: o Pertencimento, a Liberdade, o Descanso...

Antes de iniciar a coleta de fotografias, fazíamos uma breve conversa para que os sujeitos “entrassem” na temática. E foi assim com essa turma de Educação Infantil com crianças de 5 a 6 anos. Dentre algumas perguntas, perguntei “*O que é conforto?*” e, após poucos segundos de silêncio minha pergunta foi respondida com “*É uma almofada!*” Segundo BESTETTI

Conforto é a condição de bem-estar relativa às necessidades do indivíduo e sua inserção no ambiente imediato. Envolve não somente a eleição de critérios térmico, acústico, visual ou ainda químico, mas também o acréscimo de emoção e prazer, atribuindo-lhe um caráter holístico, já que o ambiente construído é um anteparo existencial, sendo abrigo para o corpo e para a alma. (2014, p. 602 – 603).

Concordando com a fala da menina da escola Jambolão, ao propor o mesmo momento na escola Figueira, minha pergunta foi respondida por uma menina de 6 anos com a seguinte fala “*É um cobertor... bem quentinho!*” - disse enquanto abraçava o próprio corpo. Após esses momentos, fui completamente convencida de que “conforto” é algo “fofo e quentinho”. É possível que essas meninas tenham escutado falas em que as palavras “conforto” e “cobertor” estivessem ligadas. Mas, ainda mais provável que, juntamente da linguagem corporal utilizada, elas tenham feito suas próprias ligações e hipóteses a fim de responder (com êxito) o que lhes foi perguntado. Demonstrando a capacidade de fazer conexões e comparações quando lhes faltam palavras.

E é nesse sentido que caminhamos nessa análise. As palavras aqui serão complementadas por pensamentos ocultos, pela intenção de mostrar algo. Não serão necessárias grandes explicações, tampouco horas de conversas. Nossas reflexões partirão do exato momento em que o sujeito é questionado (qual o lugar que mais lhe faz bem?) e em questão de segundos sabe exatamente pra onde deve direcionar-se. Depois de um clique tem sua resposta pronta. Objetificada e clara. Sem dificuldades de entendimento, mas com uma grande possibilidade de reflexão. As fotos trazem consigo tanto as respostas quanto mais perguntas. Conforme encontramos respostas para essa pesquisa, acabamos encontrando mais perguntas ao analisar as fotos e, é possível que, ao ler esse trabalho o leitor encontre perguntas que não foram expostas aqui. Daí a pertinência de se pesquisar através de fotos e suas inúmeras possibilidades.

Em primeiro lugar, observei que a grande diferença no momento em que eram questionados, adultos e crianças, foi o tempo de resposta. Assim que eu terminava a pergunta, em sua maioria, as crianças já sabiam o que fotografariam. Enquanto os adultos precisavam de minutos para refletir, parecendo muito indecisos quanto ao seu lugar de bem-estar da escola. Como no caso da professora J., que fotografou a escola como um todo.



Imagem 1: Eu me sinto bem em todo lugar.

A professora afirmou “*não tem nenhum lugar da escola em que eu não me sintam bem. Posso fotografar “a” escola?*”. A pergunta me levou a pensar outro ponto destoante entre adultos e crianças: a permissão. Enquanto as crianças pensavam em sua resposta e prontamente dirigiam-se ao local no qual sentiam-se bem, os adultos ficavam em dúvida se aquele era, de fato, um espaço válido a ser fotografado. Isso me remete a pensar que quando damos a autonomia da ação a criança, ela sente-se “permitida”, “autônoma” a realizar proposta, sem precisar/aguardar da ajuda ou do consentimento do adulto.

3.1 Pertencimento

Ao expor minha intenção com a pesquisa, falando sobre “sentir-se bem próximo a natureza”, a professora Dália questionou-me em relação às pessoas que são o oposto disso: “*Mas nem todo o mundo se sente bem com isso. Eu, por exemplo, não gosto de estar no meio do mato.*” (Professora Dália, durante conversa na escola. Outubro/2017).

Sabemos que “sentir-se bem próximo a natureza” não é algo geral entre os indivíduos, como cita Bestetti (2014, p. 603) “Conforto é algo pessoal, e a razão do conforto de um pode parecer desconforto ao outro.”. Desta forma, aponto que a escolha dos espaços de alguns indivíduos pode vir não somente a partir do conforto, mas também de pertencimento. Como foi o caso do adulto Cravo, funcionário da cozinha, que fotografou seu espaço específico de trabalho:



Foto 2: É nossa segunda casa.

Neste caso, o fator decisivo para escolha do espaço é encontrar-se naquele espaço. Sentir-se parte. Saber que é parte importante para um fim. Que cuida, mantém. O bem-estar pode estar ligado não somente às características físicas de um ambiente, mas também ao sentido que traz consigo. O valor por detrás das paredes, para além do conforto e comodidade.

O sentimento de pertencimento também apareceu na foto de Rosa. Perguntei a ela “Já sabe onde irá fotografar?” e ela respondeu-me “Sim! Minha sala!” direcionando-se até a sala com a câmera na mão.



Foto 3: Minha sala.

No mesmo sentido, Rosa, é pertencente a sala de sua turma. É o local onde passa grande parte do tempo dentro da escola (uma questão discutível, visto que, em geral, muitas atividades praticadas em sala de aula poderiam ser feitas no pátio escolar). É o local de proteção, e ao qual Rosa tem domínio. Neste ambiente Rosa pode escolher aonde sentar, o que fazer (pelo menos em momentos livres), com quem formar par, do quê brincar. Pode sentir-se “permitida” a agir como preferir.

A próxima foto foi tirada por Margarida, 5 anos, da escola Figueira. Após andar pela escola para refletir o espaço que escolheria para fotografar, decidiu quando avistou as pinturas no muro, “nós que fizemos”, disse ao escolher o local da foto, indicando mais uma vez a ligação entre sujeito e espaço.



Foto 4: Nós que fizemos.

3.2 Liberdade

Durante a visita a escola Jambolão, os meninos Lírio e Girassol deixaram explícita sua preferência pelo pátio escolar dentre todos os espaços da escola:

- *Vocês devem fotografar o lugar da escola em que vocês mais se sentem bem...* –

Expliquei a eles.

- *Praça! Praça!* – Respondeu Girassol enquanto o Lírio concordava rindo.

- *Isso, um lugar em que vocês sintam...* – Continuei a explicação.

- *Praça! É a praça!*

- *Sintam bem, felizes, confortáveis...* – Tentei continuar.

- *PRAÇA, PRAÇA!* – Falaram impacientes.

Considereei que já haviam compreendido a proposta visto que havíamos conversado previamente e entreguei a câmera a Girassol que seria o primeiro a fotografar. Decidido, saiu pelo corredor e direcionou-se a praça, aonde observou por um momento todos os brinquedos do pátio quando finalmente decidiu: “*quero aqui!*” Disse apontando a câmera para o balanço feito de pneu.



Foto 5: A praça – pneu.

Sabemos que as crianças em sua maioria têm preferência pelo pátio escolar. É ao ar livre que se sentem livres não somente das paredes que as cercam na escola mas também do olhar, da superproteção e do supercontrole dos adultos, conforme aponta Soares

“Os profissionais devem ter um olhar atento aos ambientes externos, na compreensão de que estes são, também, um espaço de aprendizagem para além da sala de aula, onde se estabelece fortemente o contato das crianças com os elementos da natureza, onde se realizam brincadeiras ao ar livre e onde as crianças ficam mais à vontade para interagir sem a vigilância constante de um adulto.”. (SOARES, 2015, p. 111).

Neste sentido, retomo o tópico da utilização do pátio escolar como espaço pedagógico, como local potencial de aprendizagem e troca de experiências. É preciso saber ponderar tanto a utilização de espaços (fechados) quanto ao exagero de atividades dirigidas. Me refiro a saber utilizar o pátio escolar também como ferramenta pedagógica, porém sem esquecer que as crianças, como qualquer outro ser humano, necessitam de momentos livres para tomar suas próprias escolhas e exercer sua autonomia.

A próxima fotografia foi tirada por Lírio, que, assim como Girassol dirigiu-se diretamente ao seu local escolhido, sem precisar pensar muito na decisão:



Foto 6: A praça – brinquedo.

3.3 Descanso

Nesta categoria, trago algumas escolhas dos participantes juntamente à suas falas no momento da captura que me remeteram ao descanso. Coloco a palavra “descanso” pensando nas fotos dos adultos Jasmim e Amaranto, que decidiram fotografar o local aonde passavam seus intervalos de trabalho na escola Figueira.

Após escutar atentamente a proposta da pesquisa, em baixo das árvores da escola e ao lado do lago, Amaranto levantou o dedo e disse:

- *Tem um lugar...* – falou como quem encontra a resposta e direcionando-se ao local fez sinal para que eu fosse junto.

“Eu gosto de ficar aqui no meu intervalo, depois do almoço. Bem lá em cima... e aqui pega bem a wi-fi também.”

- *Ótimo!* – Respondi a ele. Pode tirar a foto então.

- *Mas eu?!* – Perguntou surpreso.

- *Claro! A foto é sua.* – Respondi entregando-lhe a câmera.



Foto 7: Cantinho do descanso.

A foto a seguir é da professora Jasmin, a professora auxiliar da turma a qual realizei os momentos. O local escolhido pela professora é um banco-balanço que fica em baixo da sombra das árvores. “Aqui que eu venho no meu intervalo. Como meu lanche aqui, na *sombrinha*. ” Ela explicou, mesmo sem eu ter perguntado. Na verdade, todos os adultos, após indicar o local escolhido para as fotografias, explicavam o porquê de sua escolha. Diferente das crianças que pareciam fotografar para elas mesmas. Após utilizar a câmera, me entregavam e partiam para fazer outra coisa de seu interesse. Deixando com que as fotos falem por si mesmo. O que abre espaço para uma maior reflexão a partir dessas fotografias.

Abaixo, fotografia capturada pela professora Jasmin:



Foto 8: Banco-balanço na sombra das árvores.

Nestes dois casos podemos observar que o conforto no horário de descanso para Amaranto refere-se a um lugar tranquilo, talvez silencioso e solitário. Enquanto para Jasmin, esse local compete a sombra natural e ar livre, não levando em consideração o silêncio, visto que no pátio, aonde fica o banco-balanço, há crianças durante o dia inteiro.

Considerarei também pertencente a essa categoria a foto de Hibisco, menino de 5 anos da escola Jambolão. Imagino que ao olhar a foto “crua”, sem qualquer explicação, seja difícil você encontrar um motivo para tal escolha. Mas explico: essa é a sala de vídeo, e dentro deste armário fica a televisão aonde as turmas assistem seus filmes e desenhos. Por isso, como já citado aqui, de acordo com Manini (2002), é importante levar em consideração todo o contexto aonde aquela foto foi tirada. Observar o foco principal, mas também estar atendo a detalhes que fazem parte do tempo/espaço da fotografia.

Por menor que seja o espaço (aproximadamente 5mx7m), analiso essa foto como o local de conforto de Hibisco. Quando utilizam essa sala, a turma espalha almofadas pelo chão e acomodam-se na melhor posição a fim de, tranquilamente, assistir a televisão.



Foto 9: Sala de vídeo.

A próxima foto, tirada pela professora Azaleia, foi encaixada nessa categoria por mera interpretação, ou seja, poderia ser colocada também na categoria de espaços verdes ou ainda de Liberdade, por exemplo. Tudo vai “depender do ponto de vista”.

Ao escolher o local da foto, a professora explicou que durante o horário em que as crianças estão no pátio as professoras permanecem sentadas no banco azul, que aparece a direita, “a gente fica sentado aqui olhando eles brincarem”, explicou.

Analisando essa fotografia e a fala da professora observo dois pontos: o fato de afirmar que observam as crianças enquanto brincam, me remete especificamente ao afeto, ao carinho no olhar. Talvez eu veja dessa forma pela bagagem como auxiliar que trago da Educação Infantil, aonde a professora titular senta-se por vezes para apenas observar sua turma, o que acabou me marcando.

O outro ponto, percebo também que a professora escolhe o local aonde pode sentar-se com as outras professoras, podendo descansar o corpo por uns minutos ou conversar com as colegas.

Porém, contrastando esse último, observo que o “banco” ao qual me refiro ser a escolha de descanso da professora encontra-se ao canto, quase fora da fotografia, o que me faz refletir se a verdadeira intenção da imagem não seria “a sobra do Jambolão”.



Foto 10: Jambolão.

3.4 Os Espaços Verdes

Por fim chegamos ao motivo desse trabalho, à nossa pergunta primária, que deu entrada para tantos outros questionamentos que surgiram ao tentar encontrar respostas.

Os Espaços Verdes foram retratados em todas as escolas por, no mínimo, quatro vezes. Tanto as crianças, quanto os adultos, consideraram locais próximos a espaços verdes como seus promotores de bem-estar, assim como a bibliografia trazida aqui, nos dizia que seria.

Este subcapítulo será dividido em duas partes: primeiramente da escola Araucária, de Viamão, aonde todas as fotografias foram tiradas no ambiente externo próximo as áreas verdes, e, em seguida as fotografias das demais escolas em que os espaços verdes foram procurados pelos sujeitos.

3.4.1 As fotografias da Escola Araucária

A escola Araucária está localizada na cidade de Viamão, atendendo alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A escola privada tem uma proposta budista e fica dentro de um espaço na mesma proposta aberto ao público. Lá há um templo budista e, próximo a escola, um condomínio aonde residem muitas das crianças que a frequentam.

Cheguei a escola e fui direcionada a sala das crianças que já estavam sentados em roda a minha espera. Observei todos os calçados na porta da sala então descalcei os meus também. As crianças tinham 6 e 7 anos, e estavam em silêncio quando cheguei, apenas aguardando. Não pareciam forçados a ficarem desta forma, parecia um silêncio natural de espera.

Quando comecei a explicar o motivo de estar ali e o intuito da pesquisa fui interrompida com “a gente já sabe!”, “é a prô já explicou”, “é a natureza”. Fiquei um pouco apreensiva pois justo nessa escola eu pretendia fazer uma menor abordagem na temática. Guiar menos e ser mais guiada. Ia pedir apenas que as crianças me mostrassem através de fotos aonde elas sentiam-se bem na escola, para tentar direcionar o menos possível nas escolhas dos participantes. Porém, por essas falas, imaginei que talvez elas já tivessem tomado um caminho antes da minha chegada.

Continuei a explicação sem me ater muito, porém deixei bem claro que as fotos poderiam ser tiradas em qualquer lugar da escola, fossem ambientes internos ou externos (antes pedi permissão à professora se as crianças poderiam circular por todos ambientes). Como haviam apenas 8 crianças, fomos todos juntos a procura de seus espaços de bem-estar.

Quando saímos da sala a professora direcionou-se diretamente a parte da escola com árvores, plantas, sombra. Era uma parte afastada das salas, a qual eles chamavam de “bosque”. “Vamos caminhando e vocês vão pensando aonde tirarão as fotos”, disse aos alunos.

A professora guiando a frente com a câmera (que um professor emprestou, por isso ela carregava), e os alunos, um atrás do outro, seguindo por entre galhos e vegetações quase da altura de suas cabeças. Como nenhuma criança parecia apontar o local que gostaria fotografar, intervi sugerindo “*alguém já sabe aonde irá tirar foto?*”, a maioria respondeu positivamente então combinamos que cada um guiaria a fila até o local na sua vez de fotografar.

Como nas demais escolas, não fiz nenhuma pergunta referente a fotografia ou escolha dos sujeitos, qualquer análise feita será a partir da observação da fotografia e o que o local ali retratado pode representar ao sujeito.

Abaixo duas fotografias capturadas por um menino e uma menina:



Foto 11: Eu já sei!



Foto 12: Eu também quero aqui!

As duas fotografias, coletadas no mesmo espaço por crianças diferentes, retratam um local de encontro, conversa, compartilhamento de ideias. O local registrado permite que atividades sejam realizadas ao ar livre longe do aprisionamento da sala de aula.

Como exposto anteriormente, o momento de coleta nessa escola me pareceu um pouco conduzido demais, orientado demais, direcionado demais. Não sei até que ponto as crianças fizeram suas escolhas pensando apenas nelas mesmas e em suas preferências, o que me preocupa um pouco a fazer análises especulando algo que talvez sejam, na verdade, crianças fotografando o que adultos esperam que elas fotografem.

Porém, nessa mesma reflexão penso se eu também não estou com meu olhar direcionado para a suposta orientação das crianças. Talvez me falte agora capacidade de enxergar a intenção da fotografia por acreditar que as crianças tenham sido direcionadas e ache que não valha a análise.

Desta forma, seguirei conforme as lembranças dos momentos e as falas (ou silêncio) das crianças me guiarem. A fotografia abaixo foi tirada enquanto caminhávamos por dentre o bosque. O menino que a fotografou, simplesmente parou no meio da caminhada e fez um leve sinal com o olhar para a árvore, indicando à professora que seria ali o seu local. Entendendo o seu olhar a professora perguntou “Aqui?” e, acenando com a cabeça, apontou a câmera e fotografou.



Foto 13: Silêncio.

Durante esses momentos na escola percebi a comunicação pelo olhar entre professora e alunos e que o silêncio faziam parte de seus dias. Não me admira o fato de escolherem fotografarem o bosque visto que ali apenas ouvíamos o cantar dos pássaros e as folhas das árvores dançarem com o vento.

A fotografia abaixo foi tirada também enquanto caminhávamos no bosque. A menina parou de supetão como quem achava o que procurava. Claramente pude notar em sua postura e em sua reação quando chega ao local que estava decidida a fotografar este espaço. Espaço que nem parecia ser muito frequentado, visto que haviam cipós e galhos que dificultavam a passagem. Talvez o motivo de sua escolha seja exatamente esse: o desafio, a aventura, as possibilidades de imaginação que a brincadeira em meio a natureza proporciona.



Foto 14: O bosque.

3.4.2 Os Espaços Verdes sob as lentes das três escolas

Neste (quase) último capítulo de pesquisa, ao olhar para trás vemos um longo caminho cursado, muitas respostas encontradas e, possivelmente, muito mais perguntas

pela frente. Meu objetivo sempre foi enaltecer a necessidade de espaços verdes dentro da escola por inúmeros motivos já citados, e, mesmo assim, todos os fatores que influenciaram na escolha dos sujeitos foram expostos em outras sessões, demonstrando as diferentes características de cada um, sendo cada sujeito único e autor de suas próprias escolhas.

Trago agora as fotografias em que seus autores optaram por fotografar os ambientes próximos aos elementos naturais, como água, terra, árvores, plantas e vegetações. Lembrando que no decorrer deste trabalho, muitos desses elementos já apareceram em outras fotografias, porém, através da análise foram consideradas outras questões que podem ter motivado a escolha do espaço.

Abaixo seguem três fotografias do mesmo local da escola Figueira, coletadas por três pessoas diferentes, em três ângulos diferentes:



Foto 15: O lagozinho.



Foto 16: Sem nome.²



Foto 17: Aqui.

² Todas as fotografias trazidas aqui levaram nomes baseados em falas ou situações vividas durante a sua coleta, e, especificamente nessa, o menino que a tirou, não fez nenhum comentário. Na verdade, eu estava de costas enquanto ele fotografava, foi tão rápido que não vi acontecer. Por isso, deixo para que a lacuna de nomenclatura seja completada pela imaginação do leitor.

As três fotografias tiradas pela professora Bromélia (foto 16), Iberes (foto 17) e Ipê (foto 18), mostram o mesmo espaço da escola: o laguinho. A professora aproximou-se o suficiente para fotografar apenas o lago e a fonte, ignorando a grade que o cerca. Enquanto o menino da foto 18, fotografa exatamente o mesmo local, porém em um ângulo mais aberto, permitindo que seja vista a grade, demonstrando que, mesmo presente, os elementos naturais ainda estão separados dos sujeitos.

Já o menino que fotografou a imagem 19, optou pelo lado do lago próximo a pequena ponte que o atravessa. Daquele local, é possível observar as tartarugas que vivem no lago, assim como também é um local “mais protegido” da água, levando em consideração que a ponte tem uma proteção de madeira. Desta fora, o menino está próximo aos elementos naturais, porém, atrás de uma barreira que os separam.

Podemos analisar as diferenças nas fotografias de duas formas: a concordância com a separação entre o sujeito e o lago, e a descontentamento com tal situação. É, claro, sabemos que uma maior cautela deve ser tomada ao propor diferentes espaços as crianças, porém não podemos menosprezar sua sabedoria receando alguma atitude incoerente. Trago como exemplo a foto de Tulipa, aluna da escola Figueira:



Foto 18: Recanto do Fogo.

Neste espaço, que leva o mesmo nome da fotografia, as crianças permanecem ao redor de uma fogueira, sem qualquer proteção, apenas sob o olhar atento da professora. Demonstrando que é possível utilizar elementos naturais (nesse caso o fogo) sem o medo de acidentes, se acompanhado por algum responsável.

As árvores foram lembradas pelas crianças mais vezes na escola Jambolão, talvez por serem a referência de espaços naturais presentes na escola. Lembrando que a escola conta com dois espaços externos: a área onde ficam os brinquedos, a qual chamam de “Praça” e o ambiente externo que fica atrás das salas, aonde ficam três árvores e o chão gramado, sem nenhum objeto, o qual chamam de “Pátio”.

Iris fotografou a árvore do Pátio. Me chama atenção pois, dentre tantas opções, tantos brinquedos da Praça, o menino optou pela árvore que fica sozinha atrás da escola. Por outro lado, penso que quando estão nesse ambiente, esse é o único elemento ao qual pode-se tornar lúdico com a interação da criança, portanto, talvez essa árvore, seja seu ponto de fuga quando estão nesse ambiente.

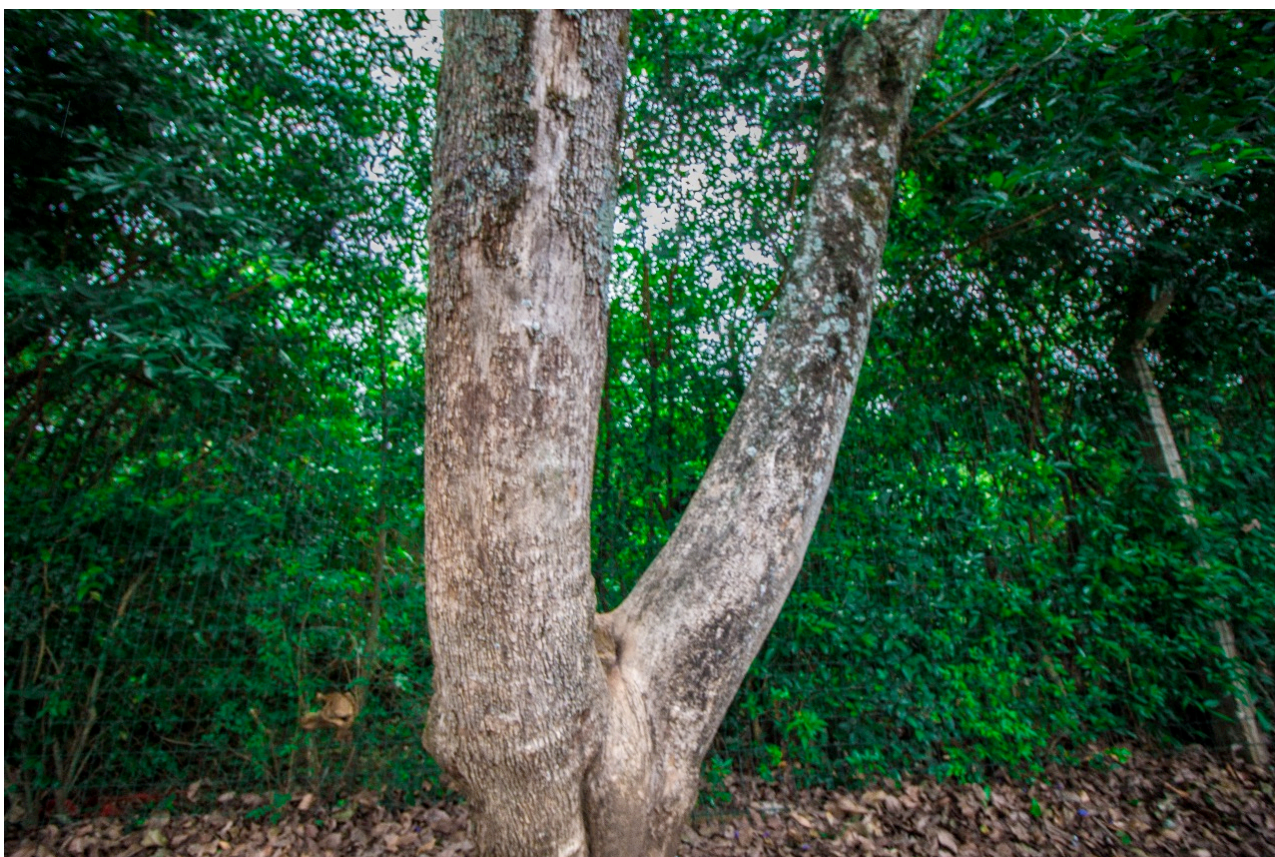


Foto 29: A árvore.

Para sustentar essa hipótese, ou talvez, enfatizar mais ainda a ascensão por contato com a natureza, trago a fotografia de Crisântemo



Foto 20: O Pátio

Em outras oportunidades na escola percebi a vontade dos meninos em subirem nas árvores, e acredito que isso influencie em suas escolhas, conforme aponta Elali em sua pesquisa sobre pátios escolares e a utilização dos mesmos pelas crianças ao afirmar que

Nas áreas livres os maiores atrativos são as árvores (sobretudo se for possível subir nelas sem perigo), os locais para brincar (especialmente *playgrounds* e caixas de areia) e onde quer que existam animais como pássaros, tartarugas e pequenos mamíferos (ratos, coelhos, gatos, cachorros), pontos focais da atenção das crianças menores. (ELALI, p. 314, 2003).

Diferentemente da escolha dos meninos, Hortência optou por capturar uma árvore que não é possível escalar, por ter sido plantada há pouco tempo:



Foto 21: É da árvore!

Essa foto foi tirada na Praça, aonde ficam os brinquedos e foi a única situação em que perguntei para a criança “Do quê você está tirando foto?” e ela respondeu após fotografar “É da árvore!”.

Reflico com essa foto que, mesmo com acesso a brinquedos dos mais variados, mesmo com a possibilidade de se estar ao ar livre, a busca pelos elementos naturais e, nesse caso, os espaços verdes, surgem nas escolhas das crianças. Conforme mostra a pesquisa de Korpella (2002) citado por Elali (2003), “quanto menor a criança, maior sua necessidade declarada por contato direto com áreas externas e ambientes naturais, sendo esse gradativo “afastamento” justificado pela necessidade de aceitação social [...]” (p. 310, 2003).

Nesse sentido faço a seguinte reflexão: a escola Figueira tem uma proposta diferente da escola tradicional. Rodeada por árvores, plantas, com um laguinho no meio do pátio e recantos naturais estrategicamente construídos para que todos possam, ao mesmo tempo, utilizar dos espaços da escola, tem em sua proposta o objetivo do equilíbrio entre homem (na) natureza.

Levando em consideração que os sujeitos deste local são acostumados a conviver diariamente em contato com a natureza, podemos observar em suas escolhas a preferência por espaços ao ar livre e próximo aos espaços verdes.

Agora, a escola Jambolão, não tem uma proposta ligada a Educação Ambiental, não tem em seu Projeto Pedagógico a busca por contato com elementos naturais e, mesmo assim, muitas das crianças optaram por capturar fotografias em espaços verdes, ignorando a praça escolar e demais espaços da escola. Ora, mesmo não sendo “influenciados” a buscarem e sentirem-se bem nesses espaços, as crianças os procuram de forma natural e autônoma.

4 UMA NOVA SAFRA – CONSIDERAÇÕES

Elaborar essa pesquisa me permitiu observar uma falta de consideração, por parte dos adultos, do que pensam as crianças no momento de decisões. Mesmo que o assunto remeta a questões ligadas a elas, como por exemplo, pensar as preferências de espaços escolares das mesmas. Refletimos muito sobre o que é bom para nossas crianças, mas pouco perguntamos diretamente a elas o que pensam sobre isso.

Além disso, penso que um Projeto Político Pedagógico deve, além de conteúdos, preocupar-se com o bem-estar das crianças e dos sujeitos que ocupam o espaço escolar. Levando-se em consideração que não somente as crianças, mas também os funcionários daquele local permanecem quatro, oito, doze horas naquele ambiente.

Dar atenção ao bem-estar dos sujeitos é dar atenção a sua saúde física e mental. É dar qualidade de vida. É dar condições de permanência e persistência àqueles sujeitos, seja para um bom trabalho ou uma boa aprendizagem e experimentações escolares.

Esse olhar atento as preferências dos sujeitos da escola deve ser feito para além de pesquisas acadêmicas. Deve ser de responsabilidade da coordenação escolar aspirar pelo melhor a seus usuários. Por exemplo, as fotografias aqui trazidas evidenciam a procura de diferentes espaços (e até mesmo a falta de), não sendo um projeto de difícil realização para a instituição escolar.

Ressalto as fotografias da escola Araucária, aonde foram inteiramente feitas ao ar livre, próximos a espaços verdes. Também aparecem muitas fotografias de árvores: grandes, pequenas, altas e baixas, sendo na maioria das vezes procuradas pelas crianças.

Os adultos por sua vez, procuravam por ambientes em que pudessem descansar, relaxar, sendo os espaços mais procurados os com sombra natural e espaços aonde pudessem sentar.

Além dos espaços verdes pudemos elencar no decorrer da pesquisa diferentes fatores que influenciam os sujeitos na escolha de seus ambientes, como fatores emocionais (de pertencimento, por exemplo) e físicos (descanso, liberdade).

Retomando as perguntas iniciais dessa pesquisa: *Os sujeitos da escola procuram os espaços verdes para momentos de lazer?* Eu diria que sim. Momentos de lazer, de descanso, de brincadeiras. São inúmeros os momentos representados nas fotografias. Devido ao grande volume de vezes em que espaços verdes foram escolhidos, concluo que os sujeitos não só procuram, como CONSIDERAM os espaços promotores de bem-estar, visto que faziam suas escolhas a partir de serem questionados aonde sentiam-se bem dentro da escola.

Tais escolhas ficam evidentes ao vermos crianças e adultos optarem por fotografar espaços verdes ao invés de espaços construídos, como por exemplo: árvores ao invés de brinquedos, bancos a sombra natural ao invés de ambientes fechados mesmo que com ventiladores e equipamentos para climatização.

Como um dos objetivos desse trabalho é influenciar a escola a dar atenção aos espaços verdes para uma Educação Ambiental efetiva, acho necessário ressaltar a escassez de abordagem desse tema na minha formação docente. Sabemos que a formação de docentes da Pedagogia tem um grande currículo para cumprir durante os quatro anos de curso (quatro anos e meio a partir da reforma curricular), mas vejo esse um conteúdo emergencial visto as transformações e explorações ambientais pelas quais temos (feito) passado.

Entendo essa pesquisa como um passo inicial para uma luta pela Educação Ambiental. Por uma escola mais ambiental, mais humana, de mais contato com o nosso meio, lembrando sempre que somos parte de um todo maior, o desafio é nos REaproximarmos de nosso meio natural, visto que somos apenas mais um ser vivo habitando o globo terrestre.

REFERÊNCIAS

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2003, vol.8, n.2, pp. 309-319. ISSN 1678-4669.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Referenciais curriculares para a educação infantil. Volume III: Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

FEDRIZZI, Beatriz; TOMASINI, Sérgio Luiz Valente; CARDOSO, Luciano Moro. Percepção da vegetação no pátio escolar. In: CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL, ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 10., 2004, São Paulo. **Anais**. São Paulo: ANTAC, 2004.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Rev. bras. geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 601-610, Set. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180998232014000300601&lng=p&t&nrm=iso>. Acessado em 29 Outubro de 2017.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo, SP: E. P. U., 1986, cap. 2.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM*. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76.

GURAN, Milton. Identidade Agudá espelhada no tempo: fotografia como instrumento de pesquisa social – um relato de experiência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 2, p. 557-565, maio-ago. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000200016>.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000.

SOARES, Gisele Rodrigues; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. “Desemparedar” na educação infantil: o que dizer a literatura e os documentos curriculares nacionais sobre o uso das áreas externas. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Org.). **Para pensar a Educação Infantil em tempos de retrocessos**. Porto Alegre: Evangraf, 2017. Cap. 6. p. 100-115.

TIRIBA, Léa. Crianças, natureza e educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 29, 2006, Caxambu: Anais GT7. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2304--Int.pdf>.

MANINI, Miriam Paula. **ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE FOTOGRAFIAS**: Leitura de Imagens Incluindo sua Dimensão Expressiva. 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/946/1/ARTIGO_AnaliseDocumentariaFotografia.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

AGUIAR, Lisiane M. As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul (RS): Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2-6 set. 2010. Disponível em: <http://geografias.net.br/papers/12_LisianeAguiar.pdf>.

KASTRUP, Virgínia. PASSOS, Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum**. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2013, vol.25, n.2, pp.263-280. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>.

APÊNDICE
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Você está sendo convidado (a) a participar voluntariamente de uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia as informações abaixo e não se apresse em decidir. Caso seja necessário a pesquisadora poderá fazer a leitura para você e explicar mais detalhadamente a pesquisa. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar da pesquisa basta preencher os seus dados e assinar esse Termo de Consentimento.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu concordo/autorizo meu/minha filho/filha de livre e espontânea vontade a participar, como voluntário/a da pesquisa.

Estou ciente que:

1. Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

- Investigar a influência de espaços verdes (naturais) na construção do bem-estar;
- Analisar se os espaços verdes estão nas preferências de espaços dos sujeitos da escola;

2. Foram explicados os procedimentos que serão utilizados. Entendi que se concordar que meu/minha filho/filha faça parte deste estudo será necessário participar de atividades usando câmeras fotográficas, pois irá fotografar espaços da escola. Estou ciente de que algumas de minhas respostas/comentários poderão ser transcritas para um texto em computador e que as pesquisadoras envolvidas nesse estudo conhecerão os conteúdos, tal como foi falado, para discutir os resultados, mas estas pessoas estarão sempre submetidas às normas do sigilo profissional e ética na pesquisa.

3. Foram descritos os benefícios que poderão ser obtidos. A partir desta pesquisa será possível compreender a importância dos elementos naturais, presentes na escola, no que diz respeito ao bem-estar dos sujeitos escolares.

_____, ____ de _____, 2017.

Assinatura do Participante/Responsável

Pesquisadora Giovanna Dutra da Silveira

Pesquisadora Profa. Dra. Daniele Noal Gai

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar a influência de espaços verdes (naturais) na construção do bem-estar e analisar se os espaços verdes estão nas preferências de espaços dos sujeitos da escola. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante. A coleta de dados envolverá registros fotográficos que serão realizados pelos sujeitos da escola, crianças e adultos.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este Projeto de pesquisa é de autoria de Giovanna Dutra da Silveira e é parte de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes bem como das instituições envolvidas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos realizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora coordenadora do estudo Profa. Dra. Daniele Noal Gai e após 5 anos será destruído. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, mas deverá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a escola, se for assim solicitado.

Através deste trabalho esperamos contribuir para a compreensão da relação entre os espaços verdes (naturais) e o bem-estar dos sujeitos que habitam a escola por quatro horas ou mais. Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Profa. Dra. Daniele Noal Gai do Departamento de Estudos Especializados, da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 995819371. Maiores informações no Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308.3629.

Data:

Profa. Dra. Daniele Noal Gai

Pesquisadora Giovanna Dutra da Silveira

Concordamos que os jovens, que estudam nesta instituição, participem do presente estudo.

Escola: _____

Responsável: _____

ROTEIRO DE VISITA A ESCOLA

Pesquisa com adultos:

Após explicação da pesquisa em questão, serão abordados alguns princípios do bem-estar, da qualidade de vida, conforto, etc.

Explicação da atividade: Nossa atividade vai ser dividida em dois momentos, aqui nessa sala, uma breve conversa e depois lá no pátio finalizamos a conversa e faremos uma atividade fotográfica. Primeiramente eu gostaria que vocês me dissessem o que vocês sentem enquanto estão aqui neste ambiente em que estamos, podem ser palavras, sentimentos, frases, colocações..."

(Agora no pátio)

"Da mesma forma que lá dentro, gostaria que vocês dissessem palavras/sentimentos que vem na cabeça de vocês enquanto estamos aqui neste ambiente, qualquer tipo de palavra."

Após a conversa, iniciaremos a proposta fotográfica:

"Certo, muito obrigada pela participação de todos! Agora eu vou pedir que cada um de vocês fotografe o lugar aqui da escola que os façam sentir bem. Que os traga os melhores sentimentos, que os façam sentir com o bem-estar elevado, pode ser qualquer lugar da escola."

Pesquisa com crianças:

Assim como os adultos, primeiro será explicado às crianças o que é e qual o motivo da pesquisa:

"Boa tarde, Jardim B! Tudo bem com vocês? Meu nome é Giovanna e eu estou aqui na escola para fazer uma pesquisa. Vocês sabem o que é isso?"

"A gente faz uma "PESQUISA" quando queremos descobrir alguma coisa, estudar alguma coisa, APRENDER alguma coisa. E eu quero estudar se vocês, crianças, e também os adultos que vem na escola, sentem-se bem aqui.

Agora, tenho outra pergunta: o que vocês sentem enquanto estão aqui neste ambiente?"

Caso haja dificuldade em responder, dar exemplos: por exemplo, eu estou feliz de estar aqui fazendo a pesquisa. Profe, o que você sente aqui dentro dessa sala?

Após o momento na sala de aula, faremos a proposta do pátio:

“Agora nós vamos lá fora, sentar ao redor da árvore grande do pátio. O que a gente sente aqui fora?” (coloco “nós” na pergunta por acreditar que as crianças sentem-se mais confortáveis ao ver que não estou as avaliando e sim, pensando como um todo).

Após esse momento voltaremos para a sala e com grupos de 3 em três iremos para o corredor da escola (quem tem saída para o pátio e caminho para as salas) e orientaremos quanto a captura das fotos:

“Você deve fotografar o espaço da escola que mais te faz bem. Pode ser em qualquer lugar da escola: sala de aula, banheiro, pátio, cozinha, praça, sala de vídeo... qualquer um que te faça sentir coisas boas.”